

O SEU A SEU DONO

— NÃO CONFUNDAMOS GRÃO VASCO COM NUNO GONÇALVES

Por JOSÉ DE BRAGANÇA

UM mês após outro — dois meses completos — se fizeram esperar as primeiras reacções ao artigo aqui publicado em 28 de Dezembro, revelando a assinatura do Grão Vasco Fernandes no próprio Político e mostrando que ele vivia em Viseu por 1463-1464 — o que o identificava, naturalmente, com o «archimisterioso Vasco Fernan-

des» residente em Tortosa antes de 1459.

Nessa rápida exposição declarei ainda que outras pinturas suas apresenta-



V. FRZ

A assinatura de Grão Vasco, V. FRZ. Pit que não oferece dúvidas.

vam assinaturas disfarçadas: com as suas iniciais no chamado «Mestre de 1456», vestígios análogos no «Homem do Copo de Vinho», a abreviatura V. Frz num painel de Avinhão ainda em estudo em Paris — sem designar três obras suas assinadas, na região vizinha de Tortosa, também em estudo, porquanto duas delas pareciam dever atribuir-se, pela interpretação documental, a um pintor catalão.

Ninguém, porém, lá fora deixou de considerar seriamente essas minhas indicações. E em Espanha já se admite que Vasco Fernandes trabalhasse por conta de quem recebera encomenda das obras, por não estar inscrito nas corporações locais.

Só entre nós há quem queira evadir-se das realidades e, pior do que isso, quem negue a evidência e procure efeitos perante a galeria, sofisticando os dados claros do problema.

É certo que devemos distinguir entre «responsáveis oficiais» e quem o não é. Mas a simultaneidade das reacções afigura-se-me obra orquestrada pelos últimos vicentistas-figueiredistas, que cautamente incitam ousadias m e n o s conscientes como vamos ver.

(Continua na 5.ª pág.)



Acripto-assinatura onde se podem adivinhar as letras VC.F e mais adiante a d

CRÓNICA MUSICAL

Por SEQUEIRA DA COSTA

VLADIMIR HOROWITZ, um fenómeno do teclado, deixou, infelizmente, de aparecer em público desde 1953.

Eu tivera o ensejo de o ouvir em Paris, na sala Pleyel, naquele ano. Mas uma carta aberta, escrita pelo crítico do «Figaro», desmoralizou por completo aquele artista extremamente sensível.

E que o autor daquela carta criticara Horowitz até ao ponto de o considerar inferior a um Kempff! A reacção foi tremenda, sobretudo na personalidade de Horowitz, que declarou que nunca mais tocaria em Paris. O que é certo é que não mais se apresentou em público depois daquele incidente.

Contudo, há rumores acerca da sua personalidade, que são interessantes.

Por exemplo conheço um

(Continua na 3.ª pág.)

QUINTA-FEIRA à tarde

N.º 273

DIARIO POPULAR • DIARIO POPULAR • DIARIO POPULAR

A ERUDIÇÃO ITALIANA E A LÍRICA MEDIEVAL GALAICO-PORTUGUESA

Por COSTA MIRANDA

QUANDO, recentemente, o prof. Silvio Pellegrini, da Universidade de Pisa, realizou na Faculdade de Letras de Milão um curso de conferências dedicado à lírica medieval galaico-portuguesa, tivemos a oportunidade de montar, naquele estabelecimento de ensino, uma exposição da bibliografia italiana consagrada a tal capítulo da nossa literatura.

Era, da nossa parte, o melhor

modo de, praticamente, contribuir para patentear aos ouvintes do prof. Pellegrini uma biografia que, se não na totalidade, pelo menos nas suas obras fundamentais não deixaria de ocorrer nas palavras do conferencista; simultaneamente, a forma complementar de atrair ao exame dessa bibliografia, e ao exame do filão trovadoresco de que derivou, os filólogos em gestação na Faculdade de Letras. Mas a exposição era ou queria ser, sobretudo, o modo singular, mas talvez o mais adequado de prestar homenagem global ao labor de uma erudição que, em quase um século de constante quanto afanosa colaboração, tanto tem contribuído para o estudo, para a valorização e esclarecimento da nossa lírica trovadoresca.

Em terra estranha, qualquer ponto de contacto, de relação ou afloramento com a nossa cultura, traz sempre em si alguma íntima conexão. Para nós, aquela modesta exposição bibliográfica (e a exposição de livros não é, por regra, manifestação que se possa dizer «calorosa») tinha, em si, algo de comovente. Ela era, palpavelmente, o testemunho efectivo do interesse vasto conferido pela erudição italiana ao estudo de um tema estrangeiro.

Certo que as circunstâncias de localização dos códices da Vaticana e de Colocci-Brancuti não deixam de se encontrar na raiz da explicação daquele interesse. Como não o deixa de ser fundamental, para essa explicação, que o aparecimento do primeiro texto merecedor de total confiança sobre o espírito trovadoresco se deva ao nome de um tão notável filólogo, quanto seguro editor, como o foi Ernesto Monaci.

Seja como for, o facto é que a erudição italiana tem fornecido ao estudo da nossa lírica trovadoresca um conjunto notabilíssimo de estudiosos e eruditos. E em cada geração, desde o aparecimento dos primeiros trabalhos de Monaci, e com rara felicidade para nós, há sempre um notável filólogo que recolhe o interesse pelo tema e o sabe difundir nos jovens. E é assim que, entre

um Monaci, revelador, que com razão podia escrever no prólogo da sua edição do Cancioneiro da Vaticana: «col manoscritto qui pubblicato torna in luce tutta una letteratura, l'antica letteratura del Tre-

(Continua na 11.ª pág.)

O CENTENÁRIO DO NASCIMENTO de Gerhart Hauptmann

O 100.º aniversário do nascimento de Gerhart Hauptmann, Prémio Nobel de Literatura em 1911 em 15 de Novembro de 1962, será celebrado por numerosos teatros alemães com representações solenes de obras de dramaturgo. Anunciaram novas encenações o Teatro Schiller, em Berlim, o Teatro Estadual em Hamburgo, os Teatros Municipais de Colónia e o Teatro de Düsseldorf, entre outros. Em Colónia realizou-se há uma semana festiva por ocasião do centenário do nascimento de Hauptmann, na qual participaram vários elementos da República Federal da Alemanha, assim como também o Burgtheater de Viena com a peça de Hauptmann «Kaiser Karls Geisel» («O refém do Imperador Carlos»). O elenco dos Teatros Municipais de Colónia contribuiu para a Semana Festiva com representações dos dramas de Hauptmann «Rose Bernd» e «Fuhrmann Henschei». Durante vários decénios Gerhart Hauptmann contribuiu, até à obra da sua última fase, a tetralogia dos «Atridas» (1941), essencialmente para o drama europeu do século XX.



Peritos ingleses chegaram, como se sabe, a conclusão de que é um original de Velasquez o retrato de D. Baltazar Carlos, filho de Filipe IV de Espanha, obra de arte pertencente ao património artístico britânica e agora exposta em Londres, na galeria do Instituto Courtauld (onde desperta as atenções da juventude, como se vê). A versão do mesmo retrato que se encontra em Madrid seria, na opinião dos mesmos peritos, uma cópia feita por Goya

O PROBLEMA DOS PAINÉIS

(Continuação da 1.ª pág.)

Refiro-me ao articulista do «Diário de Lisboa», lançado numa série de artigos, a cujo segundo vou responder, ponto por ponto.

Antes, porém, assinalamos que, três semanas depois de publicada a sua primeira diatribe, ele vem dizer-nos que o título saíu amputado por «exigências de paginação», que deixaram de verificar-se na do seu segundo artigo. Que não quis dizer «Painéis de S. Vicente», mas de «provenientes de S. Vicente de Fora».

A coerência não é positivamente o seu forte. Pois se não vier, daqui a três semanas, com nova rectificação, retenho provisoriamente aquela sua afirmação: «E o problema ficou como estava (!) isto é, permanecendo como mais plausível a atribuição «Nuno Gonçalves» proposta pelo dr. José de Figueiredo».

Vamos aos três pontos numerados do seu arrazoado:

1.º Acha o articulista indispensável a reprodução da pintura catalã de que dei a assinatura no ladrilho, para exemplificar apenas a sua maneira dissimulada de o fazer. A assinatura do Políptico era o que interessava por agora. O quadro da Catalunha, que não insinuo, mas afirmo, estar muitíssimo arruinado, será publicado e estudado a seu tempo.

Pode ter alguma razão o articulista, ao escrever que me referi a ele prematuramente. Mas porquê este só e não os outros citados, que o não preocupam?

Já o disse e repito-o: Estou elaborando um esquema da evolução artística de Grão Vasco e as referências a algumas obras suas só são prematuras porque o estado do problema entre nós é por demais serôdio.

Como havia eu de apresentar aos especialistas estrangeiros a evolução do estilo do nosso Grão Vasco, se no próprio país ele continuasse a ser Nuno Gonçalves?

Agora, com a modificação da tabela de José de Figueiredo, todos compreenderão que se opera uma lenta mudança oficial.

2.º Não há tal «afrouxamento vertical» na minha convicção, de que o Políptico e os restos do retábulo da Sé de Lamego são do mesmo Vasco Fernandes. Continuo a considerá-los duas fases quase extremas da evolução do seu estilo. E não é com afirmações gratuitas e reproduções de jornal que se esclarece este aspecto do problema. Estudei atentamente os painéis de Lamego, identificados pela documentação do meu saudoso amigo, o prof. Virgílio Correia. E só espero que, no laboratório do nosso Museu, se proceda ao exame que se impõe, o mais depressa possível.

Podia servir, talvez, de prova indirecta de que essas tábuas não se identificam com a maior parte do unanimemente reconhecido como sendo do Vasco Fernandes 2.º a indignação incoerente de José de Figueiredo contra a revelação dos documentos de Lamego.

Luciano Freire, seu colaborador, bem sentira a qualidade superior dessas pinturas, que pôde apreciar demoradamente durante o seu discutido trabalho de restauro.

3.º Chama o articulista «longa divagação» ao pouco que aqui disse sobre o manuscrito do Mestre Jorge de S. Paulo. Muito mais haveria a dizer, para esclarecer a sua confessada ignorância. Não vale a pena, para quem pretende que o testemunho da bisneta adulta e, talvez, idosa do pintor que dizia empregar o óleo manando da sepultura do bispo João Vicente em 1464 deve referir-se ao Vasco Fernandes 2.º, cuja existência é documentada em meados do século seguinte.

Concluo que o articulista, pouco coerente, só quer admitir a existência de um Vasco Fernandes, a quem atribuir toda a obra díspar da lenda actual viseense — embora em outros passos não duvide de que existiu outro pintor de igual nome muito antes. E não distingue, porque vê muito mal, «qualquer nexa entre uma e outra coisa».

E, sofisticando o que eu disse, claramente pretende que eu reconheço agora que esse testemunho é estranho ao problema da pintura. É este o seu «imperativo metodológico»...

Ora eu dei o maior valor a esse testemunho precisamente porque, «estranho ao problema da pintura», ele não representa qualquer critério possivelmente errôneo quanto a

atribuição desta ou daquela obra, mas apenas documenta um facto: — a existência em Viseu, em 1464, do pintor, que não pode ser o Vasco Fernandes 2.º.

E conclui que «a teoria Grão Vasco dos Painéis» «volatilizou-se agora irremissivelmente» (!) «Não haverá mais que falar dela. Acabou-se. R. I. P.».

Peço ao leitor que não se ria, ao ver proximamente o articulista esboçar, negando mais uma vez o que é evidente — a assinatura de Vasco Fernandes no Políptico.

A este respeito, devo denunciar uma sua habilidade. O que eu apresentei como assinatura, bem patente no livro do judeu, V. Frz., é escamoteado pelo articulista, que, para impressionar a galeria distraída, reproduz no seu artigo, não essa assinatura do livro, bastante clara, mas aquilo que se vê no pé do jovem D. Afonso V, e de que eu disse apenas que também ali se podia adivinhar umacripto-assinatura.

Para ser completa a habilidade, dá-nos dela, não a fotografia do pormenor, que conhece e eu reproduzi, mas um decalque, algo infiel, em que a forma V, reconhecível na pintura, se decompõe em dois elementos, um tracejado, outro em branco — sem falar em outros pormenores, como o d final, sensivelmente alterado.

Tantas habilidades não conseguirão modificar o que se vê na pintura — essa continuará a falar por si.

Finalmente, quanto à possibilidade que ofereci aos pugnaz defensores da atribuição a Nuno Gonçalves de uma obra assinada por Grão Vasco, o articulista agradece a lembrança, feita mais uma vez, de que «deve existir algures aquele Cristo atado à coluna»... etc., visto por Francisco de Holanda, no Convento da Trindade, e por ele identificado como obra do autêntico Nuno Gonçalves, o do altar de S. Vicente da Sé, este queimado pelo incêndio de 1755. (No meu último artigo, escrevi Carmo, em vez de Trindade, por lapso).

Ora é caso para agradecer, de facto, pois tem sua importância a possibilidade de dar o seu a seu dono, no meio desta baralhada da nossa História de Arte.

Afirmo que esse Cristo atado à coluna veio para o depósito de S. Francisco após a extinção dos conventos em 1834.

Essa pintura, contesta o articulista, não deu entrada no depósito. E cita bem o Boletim da Academia de Belas-Artes, IV, documentos, pág. 108. No seu «Nuno Gonçalves», a citação saiu errada: III em vez de IV.

Transcrevo:

CONVENTO DA TRINDADE

«No Coro e Casa do Capitulo, estavam M.^{tas} e boas pinturas, e algumas dellas em Cobre, que não vierão para o Depósito as que estavam na Casa do Capitulo desapareceirão».

«Um senhor prezo à columna, de Nuno Gonçalves, tão b. não veio».

Não tem grande razão, pois, o articulista ao dizer no seu «Nuno Gonçalves» da coleção «Saber» que essa pintura deve



A actual tabela dos Painéis, marcando o abandono da tese de José de Figueiredo

«ter desaparecido durante o Terramoto de 1755» «se é que antes em 1708 «não foi devorada pelo fogo».

A sua citação do Boletim da Academia, ao dizer «não veio» significa que havia conhecimento da existência dela em 1834.

Depois, em 1800 cita-a Ceán Bermudez e em 1823, Cirilo Walkemar Machado.

A sua nota «bem desenvolvida» (sic) parece-me, pois, de má conclusão.

Mas vamos ao que interessa.

Em primeiro lugar, este documento, a que é lícito pôr uma interrogação, não vem assinado, como o são geralmente estas relações publicadas pela Academia, nem indica proveniência ou responsável pelas afirmações, bem singulares algumas delas.

Que valor se lhe pode atribuir?

Apenas este: um remendo tardio a tapar um buraco que se deixou escancarado no Boletim da Academia do ano anterior.

Efectivamente, o Boletim III (documentos) de 1938, a págs. 10, 11 e 12, publica duas «Relações dos quadros que foram do extinto Convento da Santíssima Trindade para o Depósito Geral de S. Francisco da Cidade». A primeira de 21 de Novembro de 1834, assinada pelo benemérito doutor Nunes de Carvalho, que começa por um grande quadro em pau, atribuído a Vasco de Viseu representando a Virgem e uma grande multidão de santos.

«ACTAS DO III COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS»

Está publicado o 2.º volume das «Actas do III Colóquio Internacional dos Estudos Luso-Brasileiros» que se reuniu em Lisboa, no ano de 1957.

Trata-se de um volume de 470 páginas, que inclui as Comunicações apresentadas nas secções IV (As Belas-Artes), V (A Sociedade, a Política e a Economia) e VI (O Ordenamento Jurídico).

A segunda «Relação dos quadros do extinto Convento da Santíssima Trindade, entregues pelo rev.^m prior encomendado da Freguesia do Santíssimo Sacramento, o dr. Ant.º Fernando Leite de Sousa, os quais fiz conduzir para o Depósito Geral das Livrarias do extinto Convento de S. Francisco da Cidade, nos dias 26 e 27 de Novembro de 1834», compreende 14 pinturas em madeira, e 44 em tela, de que são indicados os assuntos, em todos, menos no 13.º, que é precisamente o «Cristo à coluna» de Nuno Gonçalves.

Posso afirmá-lo, porque antes de 1938 copiei essa relação na Biblioteca Nacional, onde provavelmente hoje não se saberá dar boa conta dela.

O assunto ficou em branco por intervenção de alguém que mandou, na tipografia, retirar as palavras: Cristo à coluna, sem preencher a lacuna.

Quem acreditará que tanto o dr. Nunes de Carvalho como o prior do Sacramento tivessem qualquer hesitação quanto ao assunto?

No índice do volume suprimiu-se também o Convento da Trindade.

Mas eu tinha, muito antes de 1938, copiado a segunda relação integralmente, o que surpreendeu o velho amigo Gualdino Gomes, quando pensava trazer-me essa revelação, alguns anos depois. E em época mais recente patentei a escamoteação à pessoa que me pareceu mais digna de a conhecer e mais capaz de desvendar o pordeiro do quadro.

Repito, pois, o meu convite aos Académicos que tanto se interessam pela reputação do nome Nuno Gonçalves. Não creio que o «Cristo atado à coluna», de Nuno Gonçalves, esteja perdido. Deve estar apenas oculto, sabe Deus onde...

JOSÉ DE BRAGANÇA

Do sr. Mário Sampaio Ribeiro recebemos uma segunda carta sobre o debate acerca do problema dos Painéis, que por absoluta carência de espaço só poderemos publicar no próximo número de Quinta-Feira a Tarde.